

# COMTE, LEITOR DE ARISTÓTELES: CONSIDERAÇÕES RELATIVAS À “ESTÁTICA SOCIAL” POSITIVISTA

Lelita Oliveira Benoit\*

*RESUMO: No presente artigo, discutiremos questões postas pela leitura comteana da teoria aristotélica, enfatizando sobretudo A Política e certos textos atualmente tidos como “biológicos”. Sempre da ótica comteana, procuraremos percorrer algumas das dessas pontes teóricas, mas tendo como finalidade última explicitar as brechas que, para nós, manifestam-se entre estas duas reflexões filosóficas, afastando-as entre si.*

*PALAVRAS-CHAVE: Positivismo comteano; estática social; orgânico; frenologia positivista*

## COMTE, ARISTOTLE’S READER: CONSIDERATIONS ABOUT THE POSITIVISTIC “SOCIAL STATIC” THEORY

*ABSTRACT: In this paper, we discuss questions presented by Comte’s fundamental principles of Aristotelian theory, emphasizing especially Politics and certain texts currently regarded as “biological”. With the ultimate goal of explaining the differences between these two philosophical reflections, pulling them apart, we will try to establish some theoretical bridges keeping the perspective of Comte’s theory.*

*KEYWORDS: Comte’s positivism; social static; organic; positivist phrenology.*

\* Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Este trabalho é resultado de pesquisas realizadas como Bolsista de Pós-Doutorado Sênior do CNPq.

A temática a ser investigada neste ensaio é, especificamente, um dos aspectos da recepção, no âmbito da filosofia moderna, do pensamento grego da época clássica. Nos limites desta exposição, tratarei da problemática pouco explorada (e, talvez, situando-me de um ponto de vista não-investigado até hoje). Como sabemos, no início do século XIX, no quadro da filosofia positivista, defendeu-se a tese bastante polêmica acerca da existência de significativos vínculos entre essa teoria específica e o pensamento aristotélico. Na verdade, Comte parecia então acreditar que certos conceitos, sobretudo os da obra *A Política* de Aristóteles, demarcariam a gênese da “estática social positivista” (ou teoria positiva da Ordem).

Sendo assim, delimitarei alguns aspectos essenciais de tal aproximação, enfatizando essas possíveis relações entre a estática social positivista e a obra *A Política* de Aristóteles. Mas antes de abordar esta questão específica, traçarei certos vínculos entre positivismo e teoria aristotélica que podem ser descritos em um campo teórico mais vasto. É o próprio Comte, aliás, que, lendo Aristóteles, desenha essas vinculações mais amplas que seriam o seu próprio ponto de partida. O que farei a seguir é, portanto,

uma descrição da leitura comteana de Aristóteles, partindo de aspectos mais gerais, tanto quanto de suas implicações em detalhe.

### **O pensar aristotélico enquanto modelo *anti-utópico* da política positivista**

Nos quatro volumes do *Sistema de Política Positiva (1851-1854)*<sup>1</sup>, Comte se refere exaustivamente à filosofia aristotélica, pensada ali como matriz conceitual do positivismo, em suas diversas manifestações, seja como epistemologia, lógica, teoria do conhecimento, filosofia das ciências, e particularmente, como já comentamos, descreve a filosofia aristotélica enquanto momento de originário do positivismo ético-político.

Como podemos ler no *Sistema de Política Positiva*, sob o aspecto epistemológico, inicialmente a teoria aristotélica pode ser comparada ao pensar positivista na medida em que ambas concebem a “filosofia primeira” (*prôte philosophía*) enquanto “totalidade dos saberes”<sup>2</sup>. No Tomo III, podemos ler que, contudo, apesar e contra a existência do fundamento primeiro, Aristóteles não teria ultrapassado os limites do “estado metafísico” do saber assim como este é posto pela hierarquia positivista da temporalidade histórica. O mesmo se poderia dizer do conjunto da filosofia grega. Na Grécia não teria acontecido, como ocorrerá na Europa do século XVI em diante, o desenvolvimento das ciências positivas, e assim sendo, os gregos jamais chegaram a elaborar uma autêntica e verdadeira “filosofia natural”. Mesmo assim, conclui Comte, “a insuficiência das bases indutivas e dedutivas nunca impediu que os verdadeiros pensadores [gregos] utilizassem seu poder sintético para instituir visões de conjunto decisivas, que apesar de sua incoerência natural, comportaram uma preciosa eficácia, sobretudo lógica, e mesmo, científica” (SPP, III, p. 305). Este teria sido o caso particular de Aristóteles que, em seus textos – como ainda nos explica Comte – constrói verdadeiro *modelo positivista* – espécie de positivismo *avant la lettre* – que se tornou guia para as modernas investigações

científicas. Analisemos mais detalhadamente como se desenvolvem tal aspecto da leitura comteana.

O conjunto desta obra longa e de difícil leitura que é o *Sistema de Política Positiva*, indica que a teoria aristotélica seria o fundamento originário da *anti-utópia política positivista*. O aspecto propriamente político-ético deve ser destacado na leitura comteana como elemento particular, por assim dizer, de construção da *totalidade da ordem estática da sociedade*, assim designada no *Sistema de Política Positiva* (SPP, III, p. 176). Ao “dogma positivo” da Ordem, entrelaçam-se elementos da política, da ética, mas também da epistemologia e da estética comteanas. Em outras palavras: parece que a leitura comteana enfatiza, no pensamento aristotélico, o seu próprio *modo de pensar*. Como se comenta a certa altura, seria o positivismo uma forma derivada do aristotelismo, no aspecto mais amplo, no campo do *pensar* como totalidade filosófica, que abrange os diversos aspectos da reflexão teórica e do qual a política nada mais seria que o coroamento arquitetônico.

Vejamos algumas exemplificações retiradas do *Sistema de Política Positiva* e que parecem destacar certa unidade metodológica entre positivismo e aristotelismo. Escreve ali Comte: “Não devo realizar, sobretudo neste momento, o exame especial de uma antiga utopia [platônica], solidamente refutada, já faz vinte e dois séculos, pelo grande Aristóteles, que assim anunciava o *caráter orgânico do espírito positivo* [*le caractère organique de l'esprit positif*] já desde seu primeiro esboço” (SPP, I, Troisième Partie: “Efficacité populaire du positivisme”, p. 157, grifo do Autor). Pode-se dizer, aliás, que exprímia-se então, sinteticamente, as linhas essenciais da leitura comteana das categorias aristotélicas. A palavra “organique” sintetiza, naquele contexto específico e no conjunto do *Sistema de Política Positiva*, o sentido mais profundo das remissões comteanas à Aristóteles. Isto fica ainda mais evidente no capítulo “Esprit fondamental du positivisme”, quando Comte afirma sentir-se dispensado de realizar a crítica à “antiga utopia” [*une antique*

1. Comte, A.. *Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité* (1851-1853), 4 vols., Paris, ed. Carilian-Goeury et Dalmont, 1851-1854 (aqui abreviado como SPP).

2. De outro ponto de vista, assim comenta M. Serres: “Ce qui correspond au système positif, ce n'est jamais une science régionale, c'est toujours le tout de le tout de l'encyclopédie : la philosophie est l'ensemble des sciences. Et, de nouveau, le tout de l'encyclopédie, justement baptisée, correspond à la philosophie de l'histoire. (SERRES, M. « Le spéculatif », in CPP, Tome I, Paris : Hermann, 1975, p. 16).

3. O termo “comunismo” é utilizado por Aristóteles, diversas vezes, para se referir à “utopia grega”, em particular, àquela de *A República* de Platão; veja-se, por exemplo, o Livro II, de *A Política*, 1262a, onde aparece pela primeira vez; em seguida irão se multiplicar no texto referências a esta raiz e suas derivações.

4. O sentido especificamente positivista do termo “orgânico” será desenvolvido no decorrer deste ensaio. Para seu estudo, a partir da Biologia do século XIX, ver por exemplo: CANGUILHEM, Georges. *Études d'Histoire et de Philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1989; IDEM. *La Connaissance de la vie*. Paris: Vrin, 1985; IDEM. *Le normal et le pathologique*; BRAUNSTEIN, J.-F. “Antipsychologisme et philosophie du cerveau chez Auguste Comte”, In *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 52, número 203, jan. 1998, pp. 7-29; PILLON, François, in *Revue Philosophique* 1878: n° 4, pp. 54-64: “Claude Bernard, sa conception comparée à celle du positivisme”; n° 5, pp. 72-79: “La biologie d'Auguste Comte et selon Claude Bernard”; n° 9, pp. 129-138: “La méthode en biologie, Cuvier, Blainville et Auguste Comte”.

5. COMTE, A. *Cours de Philosophie Positive*. 1830-1842. Paris: 6 vols. Reed. Paris: Hermann, 1975 (aqui abreviado como CPP).

6. Cf., entre outros, LEAR, Jonathan. *Aristotle and Logical Theory*. Cambridge University Press, 1980.

utopie], limitando-se ao trabalho filosófico da crítica à “utopia moderna”, ou seja: “o comunismo moderno [*communisme moderne*]”<sup>3</sup>. No decorrer da crítica a esta espécie moderna de forma política, Comte pensa estar aplicando o pretenso método *orgânico* do espírito positivo<sup>4</sup>, o modo específico do *pensar* positivista, e assim, do mesmo modo, estar também retomando os procedimentos reflexivos sugeridos por Aristóteles, sobretudo em a *Política*, com relação à *República*, de Platão. Aprofundemos essa reflexão.

Encontrava-se no conceito de *orgânico*, definição provinda da Biologia do século XVIII e XIX – como podemos ler no Tomo III do *Sistema de Política Positiva* – o elemento essencial da relação estabelecida entre o positivismo e o aristotelismo. Na verdade, se estabelece com este termo filosófico, segundo Comte, a parte essencial do pensamento aristotélico, sobretudo no campo da política e da ética. Em outras palavras: Comte manifesta, sob essa ótica específica do orgânico, a leitura positivista de Aristóteles, ou seja, a da *inauguração* do *pensar positivista* na história da Filosofia.

De fato, pode-se facilmente verificar que não apenas no *Sistema de Filosofia Positiva* – que, na verdade, é a derradeira obra comteana de peso significativo – mas também em outros momentos, como no *Curso de Filosofia Positiva*<sup>5</sup> – texto especificadamente fundador da Sociologia positivista ou “física social” – revela-se a criação, em profundidade e extensão, de vínculos com o *modelo aristotélico* como origem do *pensar positivista*. Do começo ao fim, da obra fundadora àquela que praticamente encerra o seu devir interno, espraia-se por toda parte o modelo aristotélico sob sua *re-leitura* comteana, sob a ótica da crítica orgânica à utopia moderna.

Assim é que, por exemplo, lembremos que no *Curso de Filosofia Positiva*, sempre sob a inspiração aristotélica, Comte desenha o quadro de preocupações no âmbito das quais uma racionalidade realmente positiva poderia tomar existência, ao mesmo tempo em que desenha uma síntese enciclopédica do saber científico, dos gregos ao século XIX. Nesse sentido, as primeiras

quarenta e cinco “Lições” do *Curso de Filosofia Positiva* são dedicadas à construção, nas palavras de Comte, do “conjunto lógico e histórico das ciências positivas”. A *filosofia das ciências* – ali chamada de “filosofia primeira” – estaria destinada a substituir a *prôte philosophia* aristotélica. A reflexão acerca da história, dos métodos e dos objetos da matemática, da astronomia, da física, da química e da biologia delimitaria, por assim dizer, o campo da “verdadeira autoreflexão da razão”, contra as “divagações da metafísica Ocidental”, para usarmos palavras de Comte.

Ora, pode-se dizer que a enciclopédia positivista do século XIX, tal como construída no *Curso de Filosofia Positiva*, procura estabelecer certas proximidades teóricas com o modelo aristotélico, ao menos do ponto das *intenções* teórico-comteanas, aquela intencionalidade sempre buscada, a do *orgânico-positivista*. Lembremos que o modelo aristotélico foi construído de tal modo que ali não se possa incluir a Lógica, ou seja: o *Órganon* aristotélico foi concebido como um saber, de certo modo, periférico, embora essencial, destinado, em sua totalidade, a ser instrumento do pensamento e a fornecer o método da correção e do rigor do raciocínio. Em certo sentido, a Lógica (ou ao menos uma grande parte dela) não se refere a nenhum conteúdo determinado, a nenhum *ser* em particular, mas sim às formas do pensamento e às estruturas do raciocínio<sup>6</sup>.

Ora, na “Lição 2” do *Curso de Filosofia Positiva*, também se faz a classificação positivista das ciências, com a exclusão de um saber, o da matemática, significativamente ali chamado de “*analyse mathématique [análise matemática]*”. Ao menos à primeira vista e de um ponto de vista superficial, haveria semelhanças entre a construção comteana desta escala inicial da enciclopédia positivista – a da Matemática – com o *Órganon* aristotélico. Ambos os saberes são pensados como escalas propedêuticas do conhecimento; ambos, adquirem a forma instrumental e introdutória às enciclopédias que estão a se iniciar. Mas sobretudo, se

instrumentaliza a matemática, transformando-a em *análise matemática*, para recriar o *modelo anti-utópico da política* segundo a ótica de suposta totalidade orgânico positivista.

No caso da enciclopédia comteana, a matemática seria útil ferramenta destinada ao desenvolvimento das modernas ciências positivas – a astronomia, a física, a química, e, em certo sentido, a biologia – quando se trata de elaborar métodos e de circunscrever objetos, tendo como ponto de partida para construção do *modelo anti-utópico da política* orgânico-positivista, sendo este último, por assim dizer, o lado avesso da Sociologia positivista..

### **A teoria aristotélica enquanto modelo da estática social positivista**

No entanto, sob outro aspecto, a teoria aristotélica teria, segundo Comte, se desenvolvido “de acordo com fatos observados”. Lemos no *Sistema de Política Positiva*: “na ordem estática, a lei fundamental, estabelecida por Aristóteles, desenvolvida por Leibniz, e completada por Kant, consiste em *subordinar as construções subjetivas aos materiais objetivos*” (SPP, vol. IV, p. 176, grifo meu). Comte refere-se aqui, muito evidentemente, aos textos éticos e, sobretudo à obra *A Política* de Aristóteles, e os submete à interpretação positivista. Segundo podemos ler no *Sistema de Política Positiva*, o paradigma regulador da Ordem social é aquele em que ocorre a “subordinação do subjetivo ao objetivo”; há subordinação do subjetivo ao objetivo quando nossas “inclinações” obedecem às regras imperativas ditas pelos “deveres” (SPP, vol. II, p.174). Ora, quando acontece em sua pureza, a subordinação da subjetividade humana à objetividade, neste caso típico-ideal, configura-se a ordem estática da sociedade.

Em outras palavras, pode-se dizer que a ordem estática do social é, para o positivismo, a organização social eterna e permanente, subjacente a todas as sociedades, de todas as épocas históricas, sendo constituída pelos seguintes elementos fundamentais: família,

propriedade privada, poder espiritual e linguagem. Ora, atribui-se a Aristóteles a fundação primeira do modelo da estática social, que, segundo a leitura positivista, teria ocorrido na obra *A Política* de Aristóteles, particularmente no seu Livro I.<sup>7</sup>

Tais reflexões são recorrentes nos textos comteanos da maturidade, em particular no *Sistema de Política Positiva*, obra na qual Comte desenha o campo teórico de gênese da estática social a partir de conceitos da política aristotélica. Assim sendo, ao dizer que Aristóteles deve ser considerado o “pai da estática social” Comte, na verdade, estava indo bem mais longe e atribuindo a Aristóteles responsabilidade teórica bem maior, ou seja, estava atribuindo a Aristóteles a criação da primeira das ciências humanas, a Sociologia positivista. Tal entrelaçamento conceitual, uma vez mais, é feito no âmbito daquele que é o *orgânico social*. Vejamos isto um pouco mais amplamente e destacando alguns detalhes essenciais.

No *Curso de Filosofia Positiva*, Comte funda e descreve a “física social” ou Sociologia positivista, esta que seria a última e mais essencial “física positiva” na hierarquia comteana; além do mais, aquela que, por força da temporalidade positivista, estava destinada a re-fundar o conjunto enciclopédico do futuro<sup>8</sup>. Na mesma obra, a física social é desenvolvida por meio de dois eixos teóricos ou “duas seções” às quais Comte dá o nome de “estática” (ou teoria da Ordem social) e “dinâmica” (ou teoria do Progresso social), sendo que se sempre se enfatiza a importância e se privilegia os estudos de estática social. Segundo podemos ler na “Lição 50” do *Curso de Filosofia Positiva*, a estática social ou teoria da Ordem é, na verdade, o alicerce teórico da Sociologia positivista, o seu ponto de arranque.

Não me deterei aqui em explicações a respeito da dinâmica social (ou teoria positivista do Progresso), ressaltando apenas que se trata da filosofia positivista da História, enquanto explicitação teórica da lei dos três estados de desenvolvimento do espírito humano, à qual, segundo o autor, é dado um grande espaço material, em número de páginas do *Curso de*

7. ARISTÓTELES. *La Politique*. Texto estabelecido e traduzido por J. Aubonnet. Paris: Les Belles Lettres; Id. *Obras (Del Alma, Ética Nicomaquea, Etica Eudemiana, Política, Constituição de Atenas, Poética)* Trad. do grego por Francisco De P. Saranch, Madri: Aguilar, 1982. Para uma discussão crítica ver, entre outros : AUBENQUE, Pierre. “Théorie et pratique politiques chez Aristote” in: *La “Politique” d’Aristote*, Vandoeuves-Genebra: Fondation Hardt, 1965 ; BOUDÉUS, Richard. *Le Philosophe et la Cité. Recherches sur les rapports entre la morale et la politique dans la pensée d’Aristote*. Paris: Les Belles Lettres, 1982; BENOIT, Hector. “Metafísica e Política na *Ousia* aristotélica”, in: revista *Idéias*, ano 2, n. 2, jul-dez 1995, pp. 5-28.

8. Alguns anos depois da redação do *Curso de Filosofia Positiva*, a enciclopédia comteana dos saberes irá ainda se aperfeiçoar no sentido do desdobramento complementar da Sociologia em uma Moral positiva, nas páginas do *Sistema de Política Positiva*. Contudo, o que comentaremos a seguir, na sua essencialidade teórica, já estava posto na primeira destas duas obras.

*Filosofia Positiva*, mas também do *Sistema de Política Positiva*, devido a sua suposta importância teórica no início do século XIX. De qualquer modo, Comte pensava que a dinâmica social, exatamente do ponto de vista teórico e sob a ótica positivista, deve estar completamente *subordinada* à estática social. Em outras palavras, segundo o positivismo, o progresso histórico da Humanidade manifesta a Ordem social subjacente, aquela que é, em síntese, “ordem permanente”. Na precisa fórmula positivista isto tudo quer dizer que “somente existe progresso dentro da ordem”.

Na “Lição 50” do *Curso de Filosofia Positiva*, capítulo intitulado “Considerações preliminares sobre estática social”, como está dito logo acima, desenvolve-se o essencial da teoria positiva da Ordem, a qual, significativamente é também chamada de teoria positiva da *organização* social. A palavra “organização” é ali empregada no seu sentido estrito e originário, ou seja, “organização” significa, no campo da nascente Biologia, aquela estrutura oculta, não-empírica, que se colocaria por detrás de algo vivo<sup>9</sup>. Ora, se há uma organização social *naturalmente* posta, corresponde-lhe também um organismo social, ou seja, a manifestação da estrutura oculta, aquela que comanda a sua aparição. O que vem a ser então a estática social? Prossegue Comte, explicando-nos que ela é, no positivismo, bem mais do que isso. É a ferramenta sociológica, parte fundamental do método positivista, destinada a realizar a “*anatomia do social orgânico*”. Do mesmo modo que os estudos da anatomia em Biologia, a estática sociológica, com seus estudos específicos do organismo social, pode investigar “as *condições gerais da existência social* relativas primeiro ao *indivíduo*; em seguida, à *família* e enfim, à *sociedade* propriamente dita, cujo conceito, quando adquire toda sua extensão científica, tende a abranger a totalidade da espécie humana, e principalmente o conjunto da raça branca” (CPP, T. II, L. 50, p. 177; grifo meu).

Como podemos ver, Comte faz sucessivas reduções biológicas das categorias sociais e, deste modo, pode também reduzir o próprio método sociológico ao da anatomia do século XIX, inscrita

no campo da Biologia moderna. Assistimos, portanto, à naturalização do estudo da sociedade, sendo que este objeto empírico – a sociedade – pode, de agora em diante, ser submetido a uma ciência positiva, uma ciência do *positivamente dado*, ou seja, a Sociologia.

Como isto tudo pode ter relação com Aristóteles e a sua *Política*? Particularmente no *Sistema de Política Positiva*, Comte vincula conceitos da estática social à teoria aristotélica, em certo sentido, como vimos, atribuindo ao filósofo grego a fundação originária da sociologia positivista. Desse modo, conceitos essenciais da estática social positivista são remetidos à sua suposta matriz aristotélica. Tomemos alguns exemplos significativos dos procedimentos comteanos. É essencial para a política positivista, a questão da “separação entre o poder temporal e o espiritual”, cuja gênese encontrar-se-ia em Aristóteles: “Devemos, sem dúvida, admirar o incomparável Aristóteles que, em um tempo que os dois poderes estavam plenamente misturados, foi o único que soube sempre evitar as poderosas seduções da metafísica” (SPP, vol. II, p. 274).

Ainda mais precisa é a referência comteana à questão colocada por Aristóteles no interior do Livro I, da *Política*, a da origem da família: “Com exceção do incomparável Aristóteles, único superior a todas as mais importantes aberrações, os filósofos gregos desconheciam inteiramente a verdadeira natureza da família humana e suas relações necessárias com a sociedade” (SPP, p. 177). Também se remetem a Aristóteles, os argumentos positivistas para a tese da “função subordinada” da mulher: “O maior dos filósofos, [Aristóteles], esboçando, há vinte séculos, a verdadeira teoria da ordem humana, dizia com uma admirável delicadeza, pouco freqüente nele: ‘A principal força da mulher consiste em superar a dificuldade de obedecer` pois (...) é com a finalidade de melhor desenvolver sua superioridade moral que a mulher deve aceitar, com gratidão, a justa dominação prática do homem” (SPP, vol. II, p.193).

9. Lembremos que a biologia, em sua gênese, não se limitava a simples *classificação dos seres* sob o paradigma cartesiano-mecanicista, como acontecera desde o século XVII – mas sim, passa a se dedicar ao conhecimento de um fenômeno particular – a *vida* – e da *organização* que preside ocultamente a sua manifestação. Tem a biologia assim como seu objeto não mais a *estrutura visível dos seres e das coisas* – passível de descrição na superfície mecânica dos seres, nas suas articulações sem profundidade – mas a *organização dos seres*, em sua particularidade e profundidade. Cf. Sobre esta temática : JACOB, F. *La logique du vivant, Une histoire de l'héritité*. Paris: Gallimard, 1970.

Enfim, estes e outros conceitos centrais da estática social ou teoria positivista da Ordem, segundo podemos ler no *Sistema* e em diversos outros textos comteanos, teriam suas raízes conceituais na *Política* de Aristóteles, mas desde que pensadas como partes da harmonia ou ordem social – totalidade *orgânica*, que comanda a sua manifestação empírica, por toda parte, em todos os tempos – pelo menos sendo esta a leitura comteana.

Mais uma vez nos remetendo à obra *A Política*, Comte escreve o seguinte: “[...], a instituição dos capitais” – privados – é “a base necessária da separação dos trabalhos na qual, no começo da ciência real, o incomparável Aristóteles colocou o principal caráter prático da harmonia social” (SPP, vol. II, p. 158). Ora, essa outra remissão à *Política*, vincula-se à base material da história da Grécia clássica. Este é um aspecto da leitura comteana que está, por assim dizer, bem distante das categorias históricas gregas, remetendo-nos, assim parece, às categorias do presente, do século XIX, da luta de classes neste período histórico.

Podemos lembrar ainda que se acrescentariam, como possíveis elos conceituais entre a estática positivista e a política aristotélica, certas concepções biológicas que, segundo Comte, se encontrariam em *Da geração dos animais* e *Das partes do animais*. Escreve então o autor que “unicamente as concepções estáticas de Aristóteles deverão sobreviver à indispensável renovação da biologia primitiva.” (SPP, I, p. 574), provavelmente para nos remeter à regra, absoluta para Aristóteles, segundo a qual não se pode passar de um gênero a outro e que o semelhante produz sempre o semelhante. Realmente, este conceito se aplicado à suposta “biologia” aristotélica pode nos levar a aproximá-la da crença moderna na fixidez das espécies, tese que Comte, seguindo Lamarck, defendia em sua “filosofia da Biologia”, no *Curso de Filosofia Positiva*.<sup>10</sup>

No entanto, uma outra brecha se abre e, uma vez mais, parece afastar Aristóteles das conclusões comteanas.

## Conclusões provisórias

Como vimos, Comte caminha no sentido da redução das teses aristotélicas a momentos originários das categorias da estática social; redução epistemológica esta que deve ser analisada do ponto de vista da construção do método orgânico-biológico, em direção ao desenho da anti-utopia política da época moderna.

Podemos então perguntar: estaria talvez a leitura comteana tão somente projetando sombras da ideologia e, por conseguinte, executando uma simples tarefa de velamento da política aristotélica? Ou, talvez, existam certas zonas (ainda inexploradas) de traspasse da estática sociológica às teses aristotélicas? Não conheço respostas definitivas a essa questão dos laços ideológicos entre estas duas formas de pensar o mundo. No entanto, certamente restam caminhos a serem explorados, sobretudo se enfatizarmos a leitura comteana se posiciona, sob certo aspecto, de modo unilateral em relação à teoria aristotélica da ética e da política.<sup>11</sup>

Não podemos obliterar sob véus comprometedores que algumas das raízes da estática positivista devem ser buscadas em uma das partes expressivas, mas bem problemáticas, da Biologia no século XIX. Divulgadas então naquele começo do século XIX e conhecidas amplamente sob o nome de cranologia (Schädellehre), mais tarde tornada famosa sob o nome de frenologia, este saber particular, criado pelo médico e fisiologista austríaco Franz Joseph Gall (1758-1828), deixou marcas teóricas indeléveis.<sup>12</sup> Afirmava a frenologia que há seres humanos – a maioria deles – que têm um desenvolvimento mental limitado a certas regiões cerebrais que correspondem às funções afetivas e aos sentimentos morais. A maior parte dos humanos seria portanto incapaz de desenvolver, em seu órgão cerebral, as regiões propriamente intelectuais e, portanto, estaria condenada, por assim dizer, ao estigma da inferioridade mental, gravado no cerne da sua natureza biológica.

10. Cf. JACOB, F. *La logique du vivant, Une histoire de l'hérédité*. Paris: Gallimard, 1970.

11. Lembremos que em campos teóricos diversos, por exemplo, em Marx, a teoria aristotélica é citada no âmbito de demonstrações teóricas pertinentes (cf. MARX. *Le Capital [Das Kapital, Kritik der politischen Ökonomie]*, Livre Premier (1867), tradução de Joseph Roy, revisada por M. Rubel, in: MARX, *Oeuvres*. Coll. “Bibliothèque de la Pléiade”, Paris: Gallimard, 1963.

12. Cf. sobre a frenologia positivista: BENOIT, L.O. *Sociologia comteana: gênese e devir*. São Paulo: Discurso Editorial/Fapesp, 1999, pp. 312-324; IDEM, *Sociologie comtienne: genèse et devenir*. Préface Marilena Chauí. Trad. L. Araújo-Watanabe. Paris: Harmattan, 2007, pp. 240-248. Sobre a história da frenologia: LANTERI-LAURA, G. *Histoire de la phrénologie (L'homme et son cerveau selon F.J. Gall)*. Paris: P.U.F., 1993.

13. Sabemos que esta afirmação

14. BAUCLAIR, P.L. de. *Anti-contrat social (Dans lequel on réfute d'une manière claire, utile et agréable, les principes posés dans le Contrat Social de J.-J. Rousseau, Citoyen de Genève)*, 1756. Paris : Vrin – Reprise, 1981, p. 9.

15. De Maistre, J. *Du Pape*. Genebra: Droz, 1966, p. 232; grifos do autor

Com viés frenológico e sob a redução biológica, desenharam-se – para Comte – as afirmações que se encontram no Livro I da Política de Aristóteles, sobretudo a da existência de “escravos por natureza”<sup>13</sup>. Ou seja, na leitura frenológica-positivista, há conteúdos que estigmatizam a inferioridade de forma insuperável, porque estariam inscritos no espaço do que escapa às determinações da liberdade. Nesse sentido, podemos dizer que o positivismo teria feito a atualização das reflexões aristotélicas sobre uma possível Ordem social biológica e de suas imanentes e insuperáveis desigualdades do ponto de vista das escolhas conscientes, além de lhe ter acrescentado a “teoria do Progresso” ou do desenvolvimento histórico da Humanidade.

Mas estaria Comte isolado nessas escolhas teóricas? Trilhando a mesma via reducionista do pensamento político e ético aristotélico, encontravam-se outros que haviam se voltado para a mesma questão, desde a segunda metade do século XVIII. Bauclair, padre católico e autor da predileção particular de Comte, tinha afirmado em 1756, em seu livro intitulado o *Anti-Contrato Social*, igualmente apoiando-se em supostas conclusões da Política de Aristóteles e no contexto de uma crítica feroz a Rousseau, que “(...) entre os homens, uns nascem para a escravidão, outros para a dominação (...) e, é nesse sentido, que os últimos devem governar e os outros, serem governados”<sup>14</sup>.

Outro exemplo, talvez ainda mais significativo: após 1793, o Livro I de *A Política* será relido segundo a ótica da escola da contra-revolução. Joseph De Maistre, cuja obra *Du Pape* (1819) influenciou profundamente Auguste Comte, escreveu o seguinte, significativamente também no contexto de uma crítica demolidora a Rousseau: “É curioso que Rousseau tenha começado o seu *Contrato social* por esta máxima retumbante: *O homem nasce livre e por toda parte se encontra a ferros*. (...) Aristóteles, um dos mais profundos filósofos da Antiguidade, foi bem mais longe, como todo mundo sabe, chegando ao ponto de dizer *que havia homens que nasciam escravos*, e nada é mais verdadeiro. Sei que em nosso século,

foi desacreditado por esta sua afirmação, mas teria sido melhor compreendê-lo do que criticá-lo. Sua proposição está fundamentada na história inteira, que é a política experimental, e sobre a própria natureza do homem, que produziu a história. Aquele que tenha estudado esta deplorável natureza sabe que *o homem em geral*, se reduzido a sua simples pessoa, *é por demais perverso para ser livre*.”<sup>15</sup>.

Assim, ao que parece, a questão posta pela leitura comteana do Livro I da *Política* de Aristóteles deita suas raízes mais significativas e profundas em questões propriamente que têm lastro histórico, delimitados pela democracia burguesa, iniciada em 1789, com a Revolução Francesa, e, ao menos nesse sentido, se olharmos para trás, determina sim as sombras da ideologia nos conceitos estudados. Mas não seria esta uma via teórica a ser abandonada, ao menos provisoriamente, em nome de outras vertentes que se reabrem atualmente com o retorno das teses polêmicas da frenologia do século XIX?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

ARISTÓTELES. *La Politique*. Texto estabelecido e traduzido por J. Aubonnet. Paris: Les Belles Lettres.

ARISTÓTELES. *Obras (Del Alma, Ética Nicomaquea, Etida Eudemiana, Política, Constituição de Atenas, Poética)* Trad. do grego por Francisco De P. Saranch, Madri: Aguilar, 1982.

AUBENQUE, Pierre. “Théorie et pratique politiques chez Aristote” in: *La “Politique” d’Aristote*, Vandoeuvres-Genebra: Fondation Hardt, 1965.

BAUCLAIR, P.L. de. *Anti-contrat social (Dans lequel on réfute d'une manière claire, utile et agréable, les principes posés dans le Contrat Social de J.-J. Rousseau, Citoyen de Genève)*, 1756. Paris : Vrin – Reprise, 1981.

BENOIT, Hector. “Metafísica e Política na *Ousia* aristotélica”, in: revista *Idéias*, ano 2, n. 2, jul-dez 1995, pp. 5-28.

BENOIT, L.O. *Sociologia comteana: gênese e devir*. São Paulo: Discurso Editorial/Fapesp, 1999.

BENOIT, L.O. *Sociologie comtienne: genèse et devenir*. Préface Marilena Chauí. Trad. L. Araújo-Watanabe. Paris: Harmattan, 2007.

BOUDÉUS, Richard. *Le Philosophe et la Cité. Recherches sur les rapports entre la morale et la politique dans la pensée d’Aristote*. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

BRAUNSTEIN, J. F. "Antipsychologisme et philosophie du cerveau chez Auguste Comte", In *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 52, número 203, jan. 1998, pp. 7-29.

CANGUILHEM, Georges. *Études d'Histoire et de Philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1989.

CANGUILHEM, Georges. *La Connaissance de la vie*. Paris : Vrin, 1985 ; *Le normal et le pathologique* ;

COMTE, A. *Cours de Philosophie Positive*. 1830-1842. Paris : 6 vols. Reed. Paris: Hermann, 1975.

COMTE, A. *Système de Politique Positive, ou Traité de Sociologie instituant la Religion de l'Humanité* (1851-1853), 4 vols., Paris, ed. Carilian-Goeury et Dalmont, 1851-1854.

DE MAISTRE, J. *Du Pape*. Genebre: Droz, 1966.

JACOB, F. *La logique du vivant, Une histoire de l'hérédité*. Paris: Gallimard, 1970.

LANTERI-LAURA, G. *Histoire de la phrénologie (L'homme et son cerveau selon F.J. Gall)*. Paris : P.U.F., 1993.

LEAR, Jonathan. *Aristotle and Logical Theory*. Cambridge University Press, 1980.

MARX. *Le Capital* [*Das Kapital, Kritik der politischen Ökonomie*], Livre Premier (1867), tradução de Joseph Roy, revisada por M. Rubel, in: MARX. *Oeuvres*. Coll. "Bibliothèque de la Pléiade", Paris: Gallimard, 1963.

PILLON, François, in *Revue Philosophique* 1878: n° 4, pp. 54-64: "Claude Bernard, sa conception comparée à celle du positivisme"; n° 5, pp. 72-79: "La biologie d'Auguste Comte et selon Claude Bernard"; n° 9, pp. 129-138: "La méthode en biologie, Cuvier, Blainville et Auguste Comte".

SAMARANCH, F. "Aristóteles: vida y pensamiento". In ARISTOTELES. *Obras*. Trad. F. Samaranch, 1986.

SERRES, M. 'Le spéculatif', in COMTE, A. *Cours de Philosophie Positive*. 1830-1842. Paris : 6 vols. Reed. Paris: Hermann, 1975.

Recebido em Janeiro de 2010.

Aprovado em Janeiro de 2010.